



## O diálogo entre o conto e a dissertação: uma pesquisa qualitativa em dois gêneros textuais em Linguística Aplicada

Fátima Aparecida Cezarim dos Santos<sup>1</sup>

*PUC-SP; UNESP-R. PRETO*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a elaboração textual de uma pesquisa<sup>2</sup> em Linguística Aplicada, na qual dois gêneros textuais compõem a escrita do trabalho: conto e dissertação. A dialética e a dialogicidade estão presentes na composição da investigação, não somente nos diferentes construtos teóricos, mas também, entre os gêneros, cumprindo a exigência do rigor científico e da ética nas pesquisas qualitativas. Esta é uma maneira diferente de se construir conhecimento, permitida pela Linguística Aplicada Contemporânea, marcadamente transdisciplinar e sempre aberta ao novo, que acaba por acrescentar outro elemento no fazer ciência: a estética.

**Palavras-chave:** pesquisa qualitativa, gêneros textuais, Linguística Aplicada.

**Abstract:** This article aims at presenting the textual construction of an Applied Linguistic research, whose two textual genres made up the writing of the work: the short story and the dissertation. The dialectic and the dialogicity are both present in the theoretical constructs as well as in the mentioned genres, accomplishing the scientific rigor and the ethic in qualitative researches. The way this research was built up and presented to academy is a different manner of knowledge construction, what was allowed by Contemporaneous Brazilian Applied Linguistic, markedly transdisciplinary and always open to the new. This work has added one more element in the making science: the esthetic.

**Keywords:** qualitative research, textual genres, Applied Linguistics.

### 1. Introdução

Neste artigo, apresento um dos aspectos que está presente na construção de minha pesquisa de mestrado: sua elaboração textual. Nela, foram articulados os gêneros textuais conto e dissertação científica. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede estadual

---

<sup>1</sup> cezarim@gmail.com

<sup>2</sup> Pesquisa defendida no LAEL- PUCSP para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, em 2009.



paulista, localizada na Grande São Paulo com a participação de catorze pessoas, sendo onze alunos do Ensino Médio noturno e três de seus professores (História, Filosofia e Língua Inglesa). Seu objetivo é buscar compreender a constituição e o processo histórico do surgimento da *falação em sala de aula*, a partir da perspectiva de alunos e professores, com a finalidade de analisar a inscrição dessa experiência nas subjetividades dos participantes. De onde decorre seu título Embates forças na *falação* em sala de aula: a ponta do *iceberg*.

Podemos pensar, muitas vezes, que a questão de gêneros faça parte somente da elaboração atualizada de uma aula das disciplinas escolares. Todavia, podemos acabar constatando que eles podem estar presentes na elaboração de uma pesquisa. Foi o que aconteceu em meu trabalho de mestrado. Para tanto, não bastou lançar mão do gênero acadêmico dissertação, com sua sisuda linguagem científica. Precisei fazer uso de um recurso não muito convencional no meio acadêmico: o conto (MARIA, 2004). Este gênero traz os detalhes e minhas reflexões acerca da materialidade e da concretude da experiência vivida durante o desenvolvimento da pesquisa. Com ele, eu exponho não somente a construção do próprio objeto investigado, mas também minhas emoções e razão que me acompanharam na interpretação dialética (MARX, [1847]2007; [1852]1982; [1859]2003; [1867]1983; MARX E ENGELS, [1852]2007; TRIVIÑOS, 1987) do fenômeno *falação*. O conto é a outra voz do pesquisador, como também e principalmente, por meio dele, as vozes dos participantes diretos e indiretos estão expressas, em respeito ao cumprimento da ética em Ciências Humanas e Sociais (MOITA LOPES, 2006).

Enfim, o gênero dissertação e o gênero conto juntos constroem uma pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada que não poderia prescindir de conceber o indivíduo como ativo e falante (Círculo de Bakhtin) sócio-cultural e historicamente localizado (VIGOTSKI, 2003), juntamente com uma concepção sócio-ideológica de linguagem (BAKHTIN, 1929/2004), na qual ocorrem confrontos e embates entre as forças centrípetas e centrífugas nas enunciações (BAKHTIN, 1924/1998) proferidas nas interações na prática social. Essa inter-relação de gêneros permitiu emergir a relação razão-emoção na construção de saber científico. A partir dessas considerações preliminares, passo a apresentar a aproximação dialógica entre dois gêneros textuais dialeticamente relacionados em uma experiência metodológica de pesquisa em Linguística Aplicada.



## 2. Aspectos importantes

À primeira vista, a presença de dois gêneros tão diferentes – o conto e a dissertação acadêmica – pode provocar certo estranhamento, por não ser uma prática convencional aos cânones acadêmicos. Todavia, essa presença em uma pesquisa qualitativa não foi algo arbitrário ou fortuito da pesquisadora. Há um motivo de ser.

Antes de a *falação* se tornar meu objeto de pesquisa, eu cheguei à escola com outra proposta de pesquisa, na qual meu interesse versava em estudar o papel dos enunciados ideológicos dos professores na formação da leitura de mundo do aluno, mas, ao me defrontar com uma ‘parede’ de vozes entre os professores e os alunos, tudo caiu por terra. Aquele fenômeno de tal volume de som, cobrindo as vozes dos professores, simplesmente impediu a pesquisa inicialmente pretendida. “Aquilo que eu buscava não estava ali” (p.18). Essa realidade crua obrigou-me a fazer uma reconfiguração do projeto; praticamente, comecei do zero, porém mantendo os participantes e o contexto. Por sugestão de minha orientadora; repenso a questão; recomponho-me do susto e acabo por dar novo foco ao trabalho, passando a tratar de um assunto que julguei (e julgo) ser de maior importância do que aquele inicialmente planejado.

De uma forma geral, há dois aspectos imediatos de importância. Primeiramente, quero ressaltar a força da emoção que houve por conta do impacto que o fenômeno *falação* causou em mim:

Qual não foi minha surpresa ao chegar ao campo da vida – a escola – e me defrontar com uma realidade que fugia totalmente às minhas pretensões iniciais. Realidade, esta, que acabava por derrubar meu projeto inicial: não seria possível investigar a influência dos enunciados ideológicos do professor na subjetividade dos alunos. Tal não foram também meu desapontamento e aflição. O que faria agora? (CEZARIM DOS SANTOS, 2009, p.18).

Aquela *falação* em sala de aula era algo novo para mim, uma vez que minha experiência docente ocorreu em escolas de idiomas com alunos adultos e executivos de carreira. Porém, bastou conversar com alguns amigos professores e alguns colegas de mestrado para ser informada de que isso era absolutamente corriqueiro nas escolas de



educação básica, privadas ou públicas. Essa naturalização de algo contundente foi outra forte impressão que tive das circunstâncias da docência regular. Como naturalizar algo que impede seu fazer pedagógico? Enfim, todo esse quadro me deixava cada vez mais intrigada e, assim, enveredei pelo caminho da pesquisa histórico-dialética para compreender a *falação* em sala de aula.

A razão pessoal que me levou a pesquisar em escola pública repousa no meu entendimento de ser ela uma das instituições sociais mais importantes da sociedade brasileira, por sua relevância inestimável na formação e desenvolvimento do ser humano, através de seus valiosos agentes: os professores. Para mim, a escola pública é “o lugar em que a maior parte da população brasileira aspira por uma possibilidade de vida. (...) Afinal, a educação pública é um direito social do ser *humano*” (CEZARIM DOS SANTOS, 2009, p.22).

O segundo aspecto importante para justificar os dois gêneros textuais até dispensa apresentação por sua obviedade: o rigor científico. Na dissertação, pude cumprir com as exigências do mundo do saber formal. É nela que está o pensamento racional da Ciência. Conforme cito na introdução da dissertação,

Para expor as emoções e as razões que me acompanharam ao longo da interpretação do fenômeno *falação*, fiz uso de um recurso trazido de fora da experiência científica (...) por ser o gênero que melhor me permitiu dizer a realidade experienciada pelos professores, pelos alunos e por mim mesma (p.22),

este gênero não convencional no meio acadêmico é o conto, cuja elaboração passo apresentar no trabalho em apreço, dedicando-lhe mais atenção.

### 3. Nascido do conto

O fenômeno *falação* foi estudado e vivenciado em uma sala de aula, ou seja, em um ambiente natural que é, assim, um lugar social. Sua produção emana dos enunciados de alunos e professores. A pesquisa para dar conta de sua investigação é a de natureza qualitativa que,



ao investigar um acontecimento social, deve levar em conta todos os seus conflitos, como também, lograr fidelidade ao fenômeno. Para tanto, precisa orientar-se por diferentes métodos, considerando os diferentes contextos e sujeitos. Conforme afirmam DENZIN e LINCOLN (1998, p.3), “(...) pesquisas qualitativas estudam as coisas em seu ambiente natural, procurando dar sentido ou interpretar os fenômenos nos significados que as pessoas trazem consigo”. Todavia, não basta a interpretação. Um estudo qualitativo abre-se para a descrição, procurando encontrar um modo de registrar a observação do pesquisador, a fim de mostrar acuradamente os significados encobertos dos participantes em sua experiência no evento investigado (DENZIN e LINCOLN, 1998, p. 3; 24).

A pesquisa de enfoque sócio-histórico (FREITAS, 2002), que orientou este trabalho, enfatiza a valorização dos significados pessoais na articulação do particular com a totalidade social. Ela leva em conta os componentes do fenômeno em suas interações histórico-dialeticamente considerados. Segundo Freitas, busca-se a compreensão do fenômeno social na perspectiva dos sujeitos, e não somente resultados, ou seja, sua complexidade em seu acontecer histórico (p. 26-27).

Subjacente às obras dos autores presentes na fundamentação teórica da pesquisa – Bakhtin ([1924]1998; [1929]2004; [1952]2003;) e Vigotski ([1926]2003; [1930]2003; [1934]2003; 2001) – e o que permitiu compreender a falação em sala de aula, está o materialismo histórico-dialético desenvolvido por Karl Marx ([1847]2007; [1852]1982; [1859]2003; [1867]1983; MARX E ENGELS, [1852]2007; TRIVIÑOS, 1987). Para o pensador, a análise de um fenômeno deve ser feita em uma pesquisa que capte detalhadamente a matéria; que analise sua forma de evolução e rastreie sua conexão íntima (MARX, [1867] 1963). Em FREITAS (2002), vamos encontrar que quanto mais relevante for a relação que se obtém com a descrição, mais possível será uma compreensão das regras que governam as leis do fenômeno.

Ao ter por objetivo a compreensão da *falação*, baseio-me em BAKHTIN ([1952] 2003, p. 396-401) que ressalta que a compreensão deve ser pensada em atos particulares, pois cada uma delas possui uma autonomia semântica e pode ser destacada do ato empírico concreto. Nesse sentido, a compreensão passa pelo sentido da linguagem. Para o autor, a interpretação não pode ser entendida na acepção das ciências exatas, mas sim, com outra forma científica de



saber, o que requer uma correlação dialógica entre textos. Portanto, uma dialética dialógica e não monológica. Bakhtin assevera que uma interpretação autêntica é aquela que é histórica e personalizada, pois as coisas são prenhes de palavras.

Para obter êxito em trazer à tona a descrição detalhada, a interpretação autêntica, produzir uma compreensão dialógica e dialética reclamada pela ciência, fiz uso do conto para dar voz a todo o contexto. Neste trabalho, a *falação* tem sua descrição não somente no texto acadêmico, mas muito mais no conto que foi

(...) construído com o caráter de relatar *a vida como ela é* numa linguagem literária (...) o conto foi uma abertura para eu descrever não somente o trivial de pesquisas acadêmicas – o fenômeno, o contexto, os participantes – mas também o espaço que encontrei para contar ao leitor a minha própria experiência frente ao fenômeno com os detalhes por mim percebidos e refletidos, transpassados pelas emoções e razão. Por fim e a cabo, posso dizer que o conto é a história contada por quem viu e, em certa medida, viveu a *falação* (CEZARIM DOS SANTOS, 2009, p. 230).

Como sabido, pesquisas qualitativas, ao assegurar o rigor científico, faz uso de vários instrumentos de geração e análise de dados. Dentre aqueles, por mim elegidos, consta o, costumeiramente presente, diário de campo. Nele registrei criteriosamente as observações feitas, cujos dados serviram para gerar um corpo descritivo como um registro contemporâneo aos eventos e as experiências tais quais eles se desdobravam (HARKLAU, 2005, p.180). Minha preocupação era a de textualizar os acontecimentos o mais autenticamente possível. Com isso, um simples diário de campo acaba por se transformar em um diário reflexivo de campo. Isto porque, a certa altura da pesquisa, vejo que eu marcava também minhas reflexões, em que não somente o racional, mas minhas emoções entrecruzavam-se nas interpretações que eu produzia. No diário, a interpretação e a descrição dialogam. A observação e o registro no diário reflexivo de campo foram feitos nas aulas dos três professores participantes. Com isso, “foi do corpo textual desse diário que nasceu o conto da realidade experienciada, compondo a pesquisa em diálogo com o texto acadêmico-científico” (CEZARIM DOS SANTOS, 2009, p. 282).

A decisão de optar por trabalhar com o gênero conto em conjunto com o gênero dissertação foi, por um lado, em virtude de ter ficado claro para mim que eu não poderia





ignorar o efeito da emoção sob minha racionalidade e vice-versa. Por outro lado, a ausência de detalhes periféricos poderia comprometer ou empobrecer a compreensão da falação, para aqueles que iriam conhecer o trabalho. Todavia, a insegurança e o receio de romper com as determinações canônicas não me deixavam facilmente. Foi a leitura de GARCIA, S.S. (1999) que me deu inspiração para perceber que o conto seria o lugar para dar vida às palavras dos participantes o mais próximo possível de sua originalidade e, assim, aproximá-los e sensibilizar o leitor para as circunstâncias da concretude escolar e educacional, perpassada pelos sentimentos e pelo político. O que em Garcia, S.S. era um romance policial que desenhava uma tese de doutoramento em Psicologia Social, em meu trabalho, ao invés da ficção, eu registro a realidade da escola pública, que eu e todos os atores da pesquisa estávamos vivendo.

Com a inclusão do conto na dissertação de mestrado, obviamente, eu não tinha a menor intenção de fazer uma obra de arte ou concorrer a algum prêmio literário. Era, sim, a intenção de escrever uma narrativa do cotidiano da escola e da educação e, por meio dela, trazer à baila os acontecimentos e seus desdobramentos daquele contexto social. Uma narrativa da educação interpretada pela Linguística Aplicada. A prática da leitura faz parte de minha história pessoal, praticamente, desde as primeiras letras. Os textos exercem certo fascínio sobre mim, pois através dos livros tenho acesso a saberes e lugares que não poderia fazê-lo. Para escrever o conto com uma qualidade aceitável e alguma fidelidade aos preceitos da narrativa formal, preparei-me com leituras de contos de autores como Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Guy Massapant e Flaubert. Todavia, o conto está longe de qualquer pretensão literária. Ele é um lugar de expressão de um sujeito social.

#### 4. A construção do raciocínio científico

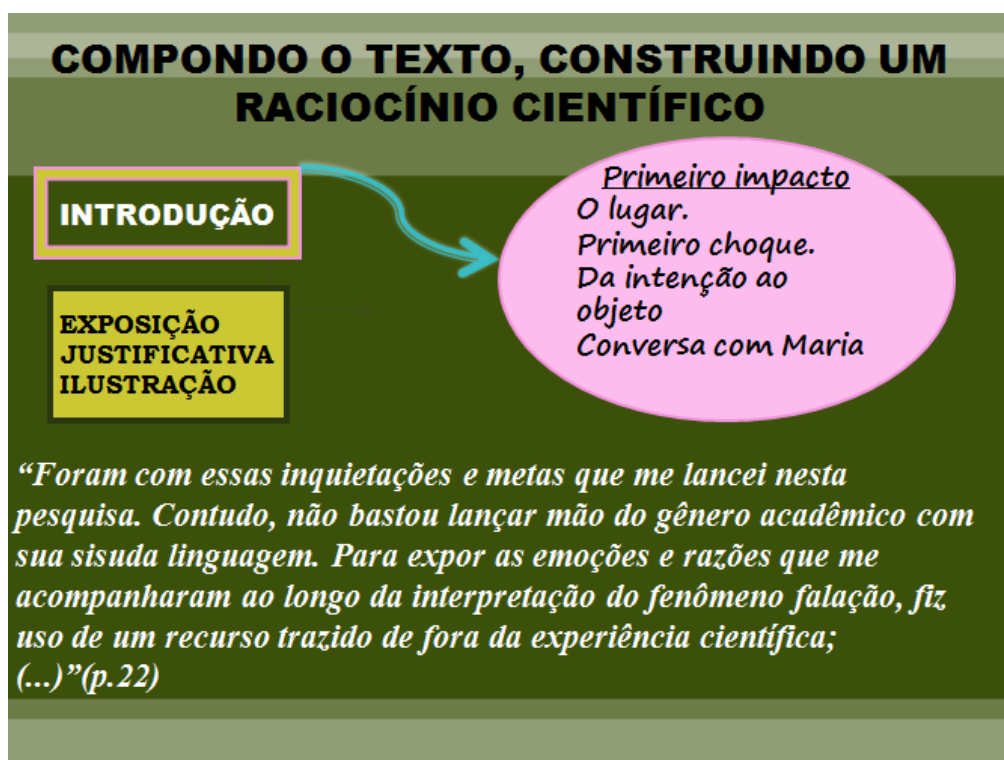
Ao compor os textos em dois gêneros, se constrói o raciocínio científico que gera o conhecimento acerca da *falação* em sala de aula. Na verdade, a lógica dessa elaboração é bem simples. A dissertação é composta pelos gêneros que se intercalam em diálogo. Nesse sentido, uma reflexão, uma discussão teórica iniciada em um dos gêneros 'escorrega' para o outro. Quer dizer, uma elaboração teórica, uma reflexão, ou uma descrição se encaminham para o



texto seguinte, em formato de conto ou de dissertação, conforme o caso, provocando uma expansão de sentidos.

Explicando melhor. A dissertação é composta, em seu total, por dez textos. Abre-se o trabalho com a tradicional Introdução aos moldes da linguagem acadêmica, que contém a costumeira exposição, justificativa, ilustração da proposta de pesquisa. O parágrafo final dela conduz o leitor à primeira parte do conto intitulado *Diário de uma jornada aos subterrâneos da escola: seu doce, seu amargo*. Nele, eu apresento o primeiro impacto com o fenômeno (justificado na abertura desse artigo), o lugar, da intenção ao objeto, a conversa com Maria.

Apresento, a seguir, uma figura que demonstra isso.



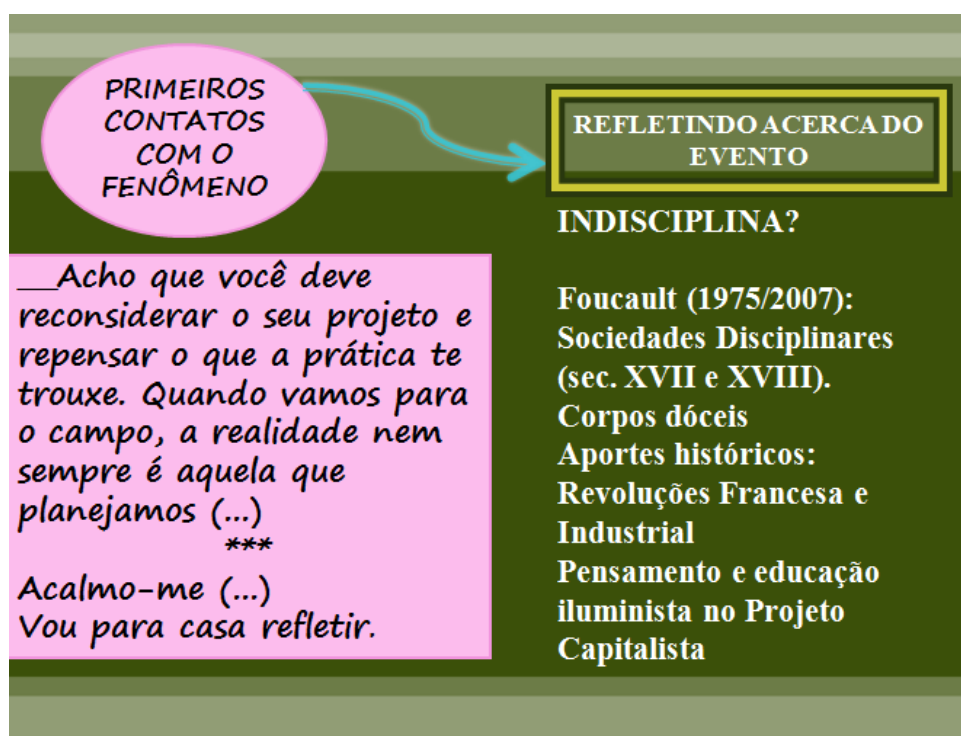
A partir do que foi retratado da vivência e o que foi refletido nesta parte, que representa um momento, um movimento da construção do conhecimento na pesquisa, eu verifico a necessidade de estabelecer uma reflexão do próprio nome que a ação dos alunos é significada – indisciplina? Para isso, me baseio no pensamento de Foucault ([1975] 2007) em





sua discussão acerca das sociedades disciplinares emergentes nos séculos XVII e XVIII. Como considero importante compreender o pensamento foucaultiano contextualizado na história, busquei aportes históricos, principalmente, nas revoluções francesa e industrial. Todavia, os três elementos – sociedades disciplinares, a revolução francesa e a industrial – estão ligadas ao pensamento e à educação iluminista no projeto capitalista que se formava naqueles séculos. Assim, as contribuições da História e da Educação (AQUINO, 1996; GUIRADO, 1996; GADOTTI, 2006) dialogam com a obra de Foucault dialeticamente para se erguer uma reflexão filosófica acerca da falação nos dias atuais. O capítulo em que essa relação acontece é intitulado *Refletindo acerca do evento*.

Na figura 2 veremos o movimento da primeira parte do conto para o texto acadêmico em que se trata da reflexão em Foucault.



O texto seguinte ao texto de Foucault é um conto que continua o diálogo provocado pelo conhecimento que a reflexão trouxe. Seu título é *Pirei Geral!* Aqui, apresento ao leitor meus primeiros questionamentos teóricos, filosóficos e éticos frente ao evidenciado: a falação.



Interessante registrar que no conto também há citações teóricas que não foram possíveis de serem discutidas na escritura da dissertação acadêmica. Assim, o conto abre um espaço para a teoria, porém discutida de maneira mais casual como numa conversa. Foi o que aconteceu aqui no telefonema dado à Victória que se tornou minha interlocutora, logo mediadora, no meu exercício de pensar o fenômeno. Victória<sup>3</sup> é a personagem desta parte do conto. Este texto diz respeito a um telefonema que troco com a personagem. Com ela, compartilho meus pensamentos e reflexões teóricas e emocionais. Discuto com ela meus questionamentos. Se fosse uma cena de telenovela, o expectador veria, apenas, um dos personagens conversando com alguém, fazendo uso de recursos lingüísticos para mostrar a fala do interlocutor do outro lado da linha sem que ele efetivamente apareça em cena. Um recorte do conto, para ilustrar:

O que é evidente? A falação. Falam pelos cotovelos. É. São palavras e mais palavras. São vozes na sala de aula. — Não, não. Vozes de alunos e de professores. E, como você sabe, o silêncio é um enunciado. Vozes em um jogo; jogo de poder; de forças pela falação.

— Sim, sim, isso é minha primeira impressão: a falação como um jogo de vozes na sala de aula.

— Isso mesmo. Sabe, tive um insight, agora. Eu preciso até me questionar da própria nomeação de indisciplina para aquele fenômeno. A linguagem no mundo, ela vem constituída dos embates sociais, das questões históricas, dos significados que se quer comunicar ou ocultar, num é verdade?

(...)

— Pois é, então, creio que começo a achar o caminho: a linguagem em uso, seus sentidos, seus significados, nas inter-relações do homem social.

— Valeu, Victória. A gente se fala. Até de repente. Como é bom ter amigo prá pensar junto!

A conversa com Victória, finalmente, coloca-me nas trilhas da Linguística Aplicada. É quando se inicia o capítulo sobre a Inter-relação linguagem, sociedade, indivíduo, em que a fundamentação teórica, tendo Vigotski e Bakhtin como fundamentos toma corpo, retomando o gênero acadêmico que, por sua vez, irá encaminhar o pensamento para o texto seguinte. E, assim, sucessivamente, intercalando-se dissertação-conto; conto-dissertação emerge a construção do conhecimento em dois gêneros textuais.

---

<sup>3</sup> A personagem Victória foi inspirada em uma amiga com a qual eu discuto minhas interpretações teóricas. Muitas vezes, passamos longo tempo ao telefone confabulando.



Para o leitor ter uma idéia mais clara, dou a seguir exemplos dos movimentos de pensamento entre os gêneros.

## 5. Do conto para a dissertação

**Pirei Geral! ➡ A inter-relação da linguagem e a sociedade humana**

(...) Sei que a lingüística aplicada se preocupa com o social e com o humano, em compreender nosso tempo; em dar lugar para outras visões; ouvir outras vozes; compreender o contexto(...). Não deveria eu refletir sobre o papel da linguagem na constituição do homem e em suas ações nas atividades sociais, sendo este agir em sala de aula uma delas?

### A linguagem é do homem

A linguagem está imbricada na história do homem. Uma ligação que perdura ao longo das organizações das sociedades humanas. (...) Os homens ao se socializarem por meio das instituições sociais (...) produzem um conjunto de ideias e representações que querem dar conta de explicar e compreender a própria existência (Chauí, 1995:21).

## 6. Da dissertação para o conto

**Considerações iniciais ➡ O último dia**

Esta pesquisa poderia ter sido totalmente outra coisa, se não tivesse nascido do lugar da Linguística Aplicada. Foi ela que, com seus conceitos éticos, com seus fundamentos de linguagem voltada para o sujeito holístico, permitiu-me elaborar um trabalho para o qual a linguagem tem *status* central (...). Isso é só o começo. (...) Este trabalho se iniciou com um conto (...) Nele, tivemos a oportunidade do encontro e da reflexão. Dessa forma, convido o leitor para uma leitura final: a última parte do conto.



### O último dia

Hoje é trinta de novembro de dois mil e sete. Estou retornando à escola para a nossa segunda reunião sobre a análise de dados. (...) Corro os olhos pela escola. Acho que quero guardar as últimas lembranças dessa jornada que se mistura com angústia e prazer (...). Eu também me sinto um pouco aluna que termina o ano (...)

Com este diálogo entre textos, pensamentos teóricos e metodológicos, a falação vai sendo elaborada como objeto da Linguística Aplicada, o que nos permite compreendê-la em sua totalidade. Gostaria de apresentar ao leitor trechos do conto nos quais a descrição, a reflexão me auxilia na interpretação do fenômeno, marcando a realidade da escola pública.

## 7. Trechos do conto

### O retorno em abril: a concretude e a realidade da materialidade

(...) Enquanto isso, em meio a essa falação, o professor de filosofia faz a chamada. Quando termina, apaga a lousa. (...) É uma verdadeira luta entre a voz do professor e as vozes dos alunos!

### No silêncio de meu quarto: notas de reflexões teóricas

Para pensar, é preciso silêncio e recolhimento. Pensar para compor o alicerce da falação, se impunha a mim. Como constituir o fenômeno? Como ser lúcida? Como ser ética? Como fazer emergir do caos em que se encontra um delineamento do agir dos alunos e dos professores? Como não me perder? No silêncio de meu quarto, na madrugada da cidade, quando todos dormiam, pus-me a refletir (...)

Há um detalhe a destacar. Cada gênero tinha uma fonte diferente, com formatação diferente. No conto usei letra cursiva para dar uma idéia de diário, mais pessoal, mais



particular. Na dissertação obedeci às normas acadêmicas, cumprindo a formalidade exigida. Ao ter este trabalho produzido em dois gêneros, o leitor poderá lê-los separadamente e ter uma idéia com detalhes outros do fenômeno falação em sala de aula, mas ao ler o conto e a dissertação em conjunto, sua compreensão do fenômeno se expande. Há um entendimento heurístico de todo o contexto no qual o fenômeno e a pesquisa se desenvolveram.

Mais uma ressalva. No transcorrer da escrita e da construção de conhecimento, por intermédio da reflexão filosófica e teórica, o leitor poderá observar que os diferentes textos se referem, de certa maneira, à organização de textos teatrais ou literários. O prólogo (primeira parte do teatro grego, cena introdutória em que fornece os dados prévios do enredo da peça) corresponde à Introdução, à Emoção Primeira, à Reflexão acerca do evento e ao Pirei Geral!, sendo o primeiro e terceiro textos pertencentes à dissertação e o segundo e quarto textos pertencentes ao conto. Para clímax (o instante decisivo da ação no qual o suspense desfecho no esclarecimento ou definições de fatos) temos os textos A Inter-relação da linguagem e da sociedade humana e o O retorno de abril: a concretude e a realidade da materialidade. O capítulo da Metodologia e a ética e No silêncio de meu quarto: notas de reflexões teóricas dizem respeito ao Interlúdio ou entre-ato (intervalo entre os atos de uma peça). O desenlace (a solução, a catástase) fica a cargo do capítulo de análise de dados, ou seja, a interpretação do fenômeno *falação*. No encerramento do trabalho, vamos ter o epílogo<sup>4</sup> (cena final de uma peça ou narrativa em que se expõem os fatos posteriores à ação para completar-lhe o sentido, um arremate), estando representado pelas Considerações Iniciais: novas dúvidas, novas ciências e a última parte do conto, fazendo o fechamento da pesquisa O último dia.

## 8. Contribuições

Entendo que esse trabalho trouxe contribuições ao mundo das pesquisas por atender as exigências da ciência, em que o rigor científico requerido em pesquisas qualitativas seja o da descrição detalhada do objeto investigado. No que tange ao método aqui utilizado – o

---

<sup>4</sup> As definições de prólogo, clímax, interlúdio, desenlace, e epílogo conforme FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, 3.ed. revista e atualizada, Curitiba: Positivo, 2004.



materialismo histórico-dialético – que pede o detalhamento da materialidade e concretude do fenômeno, desvendando sua aparência e essência (MARX, [1859] 2003, p.246-248, TRIVIÑOS, 1984). No campo da ética em Linguística Aplicada, permitiu dar vida às vozes (MOITA LOPES, 2006), às palavras dos alunos, professores e a mim mesma.

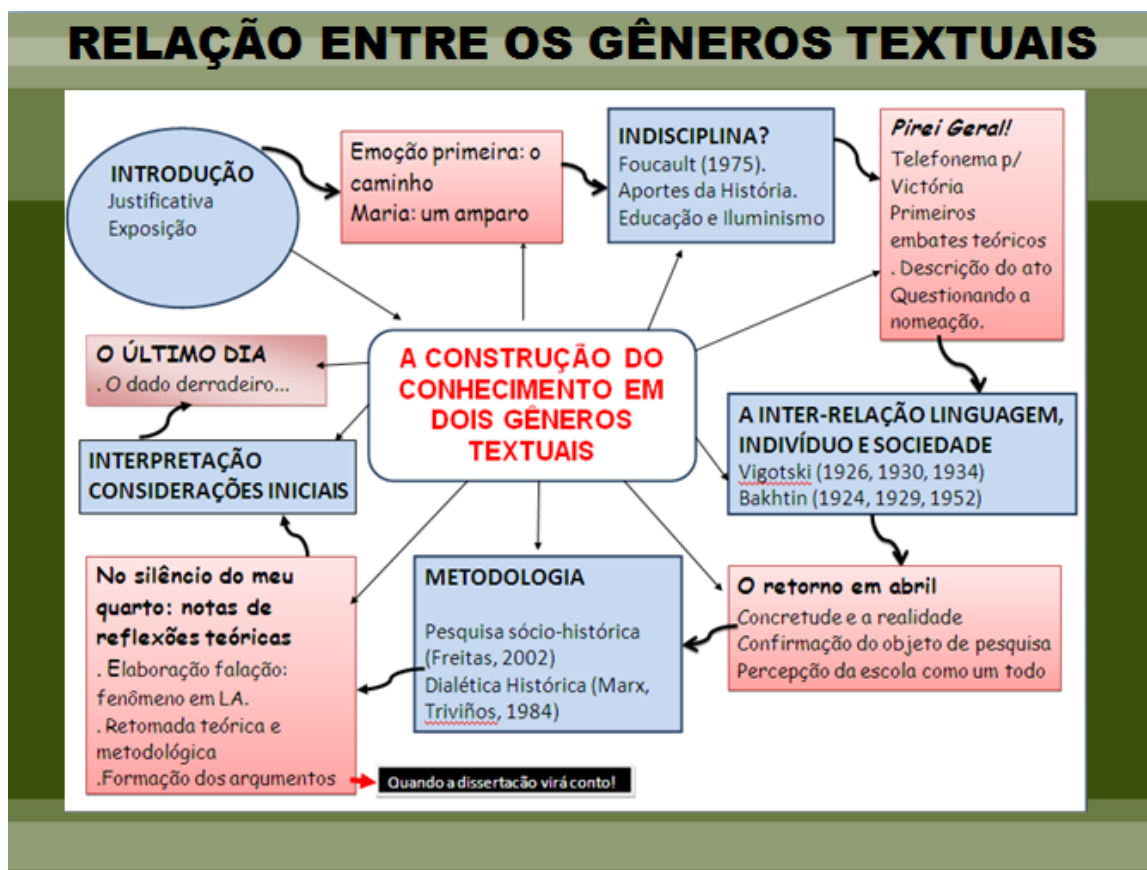
No que diz respeito ao processo de construção de conhecimento, permite ao leitor acompanhar a narrativa de uma linha de pensamento nessa construção; constatar a inter-relação da razão e da emoção em pesquisa; acompanhar a dialética e a dialogicidade entre os gêneros textuais na compreensão do fenômeno investigado entre o todo e a parte.

Por último, talvez, o mais importante, em minha opinião, é o compartilhamento entre leitor e pesquisadora. Por intermédio do conto, o leitor entra no cenário da educação estadual paulista em seu lugar de acontecimento. Pela dissertação, é possível entender sua racionalidade. Os dois gêneros textuais juntos permitem ao leitor novas leituras: as suas próprias.

A elaboração textual desta pesquisa pode não ser comum e soar estranha, mas é uma maneira de se fazer ciência na transdisciplinar Linguística Aplicada, com seu pilar ético-político, com a coragem de quem se abre para o novo.

Apresento a seguir, um quadro panorâmico da relação dialético-dialógica do conto e dissertação na pesquisa realizada.





Obs.: Os quadros em azul referem-se à dissertação. Os quadros em rosa referem-se ao conto.

## 9. Conclusão da pesquisa

Se o objetivo de minha pesquisa é buscar compreender a constituição e o processo histórico do surgimento da falação em sala de aula, a partir da perspectiva de alunos e professores, com a finalidade de analisar a inscrição dessa experiência nas subjetividades dos participantes, ao final, a conclusão a que se chegou é a de que a falação se constitui de múltiplos fenômenos aparentes e essenciais, fazendo-se uma síntese da precariedade que a educação estadual paulista apresenta em um contexto de desigualdade social pertencente ao projeto social atual, levando a escola a ser o lugar de socialização dos alunos. A falação passa a representar a ponta do *iceberg* de uma crítica à situação educacional e social, em que se formam indivíduos desolados e resignados.



## 10. Antes que caiam as cortinas

Mantendo a analogia com o teatro, este artigo abriu as cortinas de um palco onde dois gêneros textuais contracenam para o desenlace de uma questão séria em nossas escolas públicas e privadas: a falação em sala de aula. Partindo de um questionamento ético, passando por questões teóricas e metodológicas, acaba por chegar à interpretação do fenômeno, contando com os enunciados de seus atores: os alunos e os professores de uma escola pública paulista, este, também, de marca da ética. No jogo de cena dos dois gêneros textuais a literatura e a ciência se relacionaram, permitindo abrir novas outras portas de reflexões e novos questionamentos.

É de meu desejo que a precária realidade da educação pública brasileira sensibilize as pessoas de toda ordem e que, com isso, passem à ação, não no palco de um teatro, mas em cena aberta – a vida. Se a leitura de minha pesquisa de mestrado servir para isso, dou-me por satisfeita. É preciso cuidar das escolas públicas, dos professores e dos educandos do Brasil antes que as cortinas caiam.

## Referências

- AQUINO, J.G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina e conhecimento. In: AQUINO, J.G. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*, 11ª ed., São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- BAKHTIN, M. *Questões da literatura e de estética: a teoria do romance*, trad. Aurora Fornoni Bernardini et al, 4.ed., São Paulo:UNESP e HUCITEC. 1924/1998.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e a filosofia da linguagem*, trad. Michel Lahud; Yara Frateexchi Vieira, 11ª ed., São Paulo: HUCITEC. 1929/2004.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, trad. Aurora Fornoni Bernardini et al, 4ª ed., São Paulo: UNESP e HUCITEC. 1924/1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, trad. Paulo Bezerra, 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes. 1952/2003.
- CEZARIM DOS SANTOS, F. A. *Embates de forças na falação em sala de aula: a ponta do iceberg*. 2009. 500f. Dissertação (Mestrado Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia



Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9188](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9188).

CHAUI, M. *O que é ideologia*, 39ª ed., 1ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense.1995.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, 3.ed. revista e atualizada, Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, trad. Raquel Ramallete, 33ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes. 1975/2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*, trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal. 1976/2005.

FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos III, Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros da Mota, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, 2.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1994/2006. p.28-46.

FREITAS, M.T. DE A. *Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. Cadernos de Pesquisa, nº 116, julho, 2002. p.7-19.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introduction: Entering the field of qualitative research. In: DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. (eds), *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*, London:Sage, 1998. pp. 1-34.

GADOTTI, M. *História das idéias pedagógicas*, 8.ed., 11ª impressão, São Paulo: Ática. 2006.

GONZÁLES REY, F. *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*, São Paulo: EDUC. 1997.

GONZÁLES REY, F. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*, trad. Marcel A.F. Silva, São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

GUIRADO, M. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO, J.G. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*, 11ª ed., São Paulo: Summus, 1996. p. 57-71.

HARKLAU, L. Ethnography and Ethnographic research on second language teaching and learning. In: HINKEL, E. *Handbook of research in second language teaching and learning*, Mahwah, New Jersey: Lawrence Elbaum, 2005. pp.179-194.

LANE, S.T.M. *Psicologia Social: o homem em movimento*, São Paulo: Brasiliense, 1984/2004. pp. 32-39.

MARIA, L.de. *O que é conto*, 4.ed., 1ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense. 2004.

MARX, K. *Miséria da filosofia*, trad. Torrieri Guimarães, São Paulo: Martin Claret. 1847/2007.

MARX, K. *Obras Escolhidas em três tomos, Tomo I*, trad. Álvaro Pina, Lisboa: Avante, Moscovo:Progresso. 1852/1982.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*, trad. Maria Helena Barreiro Alves, 3.ed., São Paulo: Martins Fontes. 1859/2003.



MARX, K. *O Capital*, trad. Regis Barbosa, Flávio R. Kothe, São Paulo: Abril Cultural. 1867/1983.

MARX, K. e ENGLES, F. *A Ideologia alemã*, trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano, São Paulo: Boitempo. 1852/2007.

MOITA LOPES, L.P. Lingüística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P.(org.). *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar*, São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo: Atlas. 1987.

VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em psicologia*, trad. Cláudia Berliner, 3.ed., São Paulo: Martins Fontes. 1926/2004.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*, org. Michael Cole et al, trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche, 6.ed., 6 tiragem, São Paulo: Martins Fontes. 1930/2003.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*, trad. Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica José Cipolla Neto, 2.ed., 4ª tiragem, São Paulo: Martins Fontes.1934/2003.